

Capitalizar 591 juros?

Os bancos desmentem.

O porta-voz do Banco J. P. Morgan, John Morris, considerou a notícia "uma completa fabricação". E o vice-presidente do Banco Lloyds, Peter Turner, disse que "não é verdade que tenhamos tido uma reunião, e tomado uma decisão". Os dois reagiram às informações de que o Citicorp estivesse propondo a capitalização dos juros brasileiros deste ano, abrindo caminho para a conclusão de um acordo de curto prazo com o Brasil.

Um banqueiro de Nova York, que também soube da notícia, publicada pelos jornais **Folha de S. Paulo** e **O Globo**, considerou-a "muito exagerada", lembrando, porém, que a capitalização dos juros, como foi feita em 1982/83 e 84, "pode ser uma das idéias para resolver o impasse atual das negociações com o Brasil". Mas ele garantiu que "não houve nada de concreto sobre capitalização na última reunião do comitê dos bancos credores".

O que houve, segundo este banqueiro, que pediu para não ser identificado, "foram conversas gerais sobre a possibilidade de alcançar algum acordo de curto prazo com o governo do Brasil". Essas conversas ocorreram numa reunião de rotina, e chamá-la de "secreta", como aconteceu, "não tem muito sentido, pois os bancos não anunciam publicamente seus encontros".

A capitalização significa que os juros da dívida, não pagos, no valor atual de quase US\$ 2,8 bilhões, seriam acrescentados ao principal. Se para um banqueiro isto pode evitar que o Brasil se torne inadimplente, e que os bancos percam dinheiro aumentando suas reservas, para outros, não: "A capitalização criaria tantos problemas quanto a criação de reservas".

O problema, aqui, é o prazo que resta aos bancos e ao Brasil para um acordo: dia 26 de outubro reúne-se uma comissão interministerial que poderá reclassificar a dívida brasileira, rebaixando-a para "valor depreciado", obrigando aos credores elevar de novo suas reservas, registrando mais prejuízos. Mas os reguladores da política monetária "não gostam de capitalização", como explica um banqueiro. "Eles dizem que o pagamento devido tem que ser feito. Rolar a dívida assim vai contra a boa técnica bancária."

Um banqueiro acha que a capitalização dos juros é uma proposta possível, "desde que venha do Brasil". Mas ele apontou para a primeira página do **Financial Times** de ontem, onde, abaixo de uma foto do ministro Bresser Pereira, está escrito que "o Brasil quer uma solução de longo prazo", e não a do tipo que envolve a capitalização dos juros.

O próprio ministro Bresser Pereira aponta uma solução para evitar a reclassificação da dívida brasileira, temida pelos banqueiros, como publica o **Financial Times**: o início de "negociações sérias" seria suficiente para conter os membros da comissão interministerial por mais algum tempo, até a conclusão de um acordo.

**Moisés Rabinovici,
de Washington**

Confiamos no Brasil. De um credor, em carta a Sarney.

O presidente do Bank of America, Alden William Clausen, o terceiro maior credor estrangeiro no Brasil, encaminhou ontem uma carta ao presidente José Sarney ressaltando a sua confiança no desempenho da economia brasileira e na realização de uma negociação satisfatória, para o Brasil e para os credores, da dívida externa.

Na carta de 31 linhas, Clausen diz que o objetivo do presidente Sarney de promover o crescimento contínuo da economia brasileira, como instrumento para reduzir as desigualdades sociais e regionais do País, conta com o seu apoio irrestrito.

"O Bank of America — assinala Clausen — sempre respeitou firmemente seu compromisso de apoiar os esforços desenvolvimentistas do Brasil, e esperamos manter essa cooperação estreita nos anos vindouros. Nosso vice-presidente, Joel Korn, que V. Excelência conheceu, terá grande prazer em contribuir nesse sentido, de qualquer maneira que esteja a seu alcance."

Para Clausen, "um bom plano econômico, elaborado de acordo com as necessidades e realidades do País, constituirá a base para o desenvolvimento continuado da economia brasileira e para sua maior participação nos sistemas internacionais de comércio e finanças".

"O êxito na implementação de seu plano econômico — que reforçará o setor privado, aumentará a participação do Brasil no comércio internacional, bem como elevará o nível de poupança tanto no setor público quanto no privado — encontrará, estou confiante, o apoio da comunidade financeira internacional e constituirá contribuição significativa para a normalização de relações" — diz o presidente do Bank of America.

Clausen destaca também sua confiança "em que a interdependência das nações, aliada aos esforços combinados dos bancos, das instituições financeiras multilaterais e do Brasil resultará numa solução mutuamente satisfatória para a dívida externa de seu país" — dirigindo-se ao presidente Sarney.